

A Memória como questão no campo da produção educacional: uma reflexão¹

*Denice Barbara Catani**

Resumo

Este artigo parte de uma questão que pode ser assim formulada: em que sentidos se fala, hoje, na produção educacional, em memória? O exame dos trabalhos apresentados em encontros, seminários e congressos nacionais evidencia a recorrência do termo.

No que tange aos estudos vinculados à formação de professores, a memória comparece como fenômeno a ser investigado, quer nas várias dimensões da história individual quer na constituição, sacração e recuperação de uma história coletiva da profissão.

Palavras-chave: Memória, História da Educação

Abstract

This paper starts from the following question: presently, what is the meaning of the concept of "memory" in educational studies? Analyzing the works presented in workshops, seminars and national congresses one can observe the recurrence of the term. In what concerns to teachers education, "memory" appears as a phenomenon to be investigated, either in the several dimensions of individual history or in the constitution, consecration and recovery of a collective history of the profession.

Keyword: Memory, History of Education

¹ Texto apresentado na Universidade Federal de Santa Maria em 31/10/1997, no âmbito das atividades do II Encontro de Pesquisadores em História da Educação - Memória e História da Educação: questões teóricas e metodológicas.

* Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

A título de uma longa epígrafe que, de fato, é mais uma espécie de lembrança, gostaria de lembrar aqui uma lição aprendida de um professor da Faculdade de Educação, ainda nos meus tempos de aluna. Sugeriria este professor que, ao invés de respondermos às questões por ele formuladas, nosso trabalho deveria consistir em fazer as perguntas, em elaborar questões para apresentar a ele. Muitas vezes, após isso, tive ocasião de verificar o quão produtiva pode ser essa forma de ensinar. E para mim ficou a idéia de que se pudermos ensinar a perguntar - a fazer boas questões - teremos feito algo pelos nossos alunos ... e por nós.

Em parte inspirada por essa diretriz, em parte para expressar o fato de que as reflexões que aqui serão apresentadas constituem realmente questões, buscarei introduzir com o presente texto algumas perguntas que vem me interessando ultimamente, a propósito do tema da memória e da produção dos estudos educacionais. Desse modo, julgo interessante partir de uma questão que pode ser assim formulada: ***em que sentidos se fala, hoje, na produção educacional, em memória?*** O exame dos trabalhos apresentados em encontros, seminários e congressos nacionais evidencia a recorrência do termo. Como parte desse interesse é possível encontrar os desdobramentos que o tema assume ao comparecer atrelado a reflexões/investigações no domínio da história da educação ou ao integrar estudos/propostas mais diretamente vinculados a processos de pesquisa/formação de professores. Especialmente no domínio da história da educação, a releitura das fontes tradicionais, bem como a inclusão de novas fontes informativas e os esforços de discussão das modalidades de escrita da história tem oportunizado a retomada da memória como questão.

No que tange aos estudos vinculados à formação de professores, a memória comparece como fenômeno a ser investigado, quer nas várias dimensões da história individual quer na constituição, sacração e recuperação de uma história coletiva da profissão. Comparece atrelada às conseqüências da opção pelo estudo de história de vida e pelo investimento de auxiliar cujo objeto de trabalho é a formação humana a adquirir ou a afirmar seu domínio sobre as suas próprias histórias de formação.²

² A propósito dos estudos que vimos desenvolvendo, ver: CATANI, D. B. ; BUENO, B. A. O.; SOUZA, C. P.; SOUSA, M. C. C. C. "Docência, Memória e Gênero: Estudos Alternativos sobre a Formação de

*
**

Retornar à questão que dá título ao texto de Adorno pode ser uma via fértil para começar esta explicitação. “*O que significa elaborar o passado*”, tal é o que Adorno se indaga quando busca compreender a maneira pela qual na Alemanha se fala ou se silencia com relação ao nazismo, em 1959. Denunciando o que pensa ser uma atitude que não rompe o encanto do passado por meio de uma compreensão fértil, o autor nos diz: “o desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo”.³ É ao falar numa espécie de “domínio do passado” mediante o qual é possível impedir que a humanidade se aliene da memória que ele afirma: “no fundo, tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente; se permanecermos no simples remorso ou se resistirmos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível. Naturalmente para isto será necessária uma educação dos educadores” (p. 46). E ao finalizar o texto ele sustentará: “o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pode manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo suas causas” (p. 49).

Decerto o que Adorno considera condição essencial para a elaboração do passado é tarefa para todos, mas em especial para educadores, para historiadores. Na precária delimitação entre a memória como lembrança e o esquecimento como tentativa frágil e equívoca de superação, Adorno nos confrontará com o que enfrentam todos os que se dispuseram a pensar a memória, simultaneamente como dispositivo de constituição e de exclusão social. De um ponto de vista que nos sugere questões: o que significa elaborar o passado na produção de uma história da educação que se queira inclusiva? Uma tal questão remete, por exemplo, às indagações mais gerais que reconhecem na utilização de fontes orais (e na história dita oral) a possibilidade de se operar novas inclusões e portanto de se construírem interpretações que contemplem perspectivas dos diversos

Professores”. In: *Psicologia USP*, São Paulo, vol. 4, n. 1/2, 1993, p. 299-318. CATANI, D.B.; BUENO, B. A. O.; SOUZA, C.P. & SOUSA, M.C.C.C. “Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras”. *Revista Brasileira de Educação*, n° 1, 1996. CATANI, D.B.; BUENO, B. A. O.; SOUSA, C.P. & SOUZA, M.C.C.C. (org.) *Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997. CATANI, D.B.; BUENO, B. A. O.; SOUSA, C.P. & SOUZA, M.C.C.C. “História, Memória e Autobiografia na Pesquisa Educacional e na Formação”. In: ____ *Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997, p. 13-49. CATANI, D.B.; BUENO, B. A. O.; SOUSA, C.P. & SOUZA, M.C.C.C. (org.) *Atas do 1º Seminário Docência, Memória e Gênero*. São Paulo: FEUSP, Editora Plêiade, 1997.

³ ADORNO, Theodoro *Educação e Emancipação*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, p. 29-49, espec. p. 29.

sujeitos sociais, a partir dos lugares sociais que eles próprios ocupam.⁴ No percurso em que essas questões tem se imposto a nós, no domínio da própria história da educação e simultaneamente no âmbito da reflexão acerca dos processos de formação, a consideração de alternativas de releitura de fontes tidas como memorialísticas, autobiográficas ou literárias consistiu em momento importante.

Quem mais pertinentemente aponta os impasses dessa relação entre memória e história, como se sabe, é Pierre Nora. Retomá-lo aqui, mediante o recurso ao seu texto “Entre Mémoire et Histoire” permite ver que, segundo ele, a memória e a história estão longe de serem sinônimos e é preciso que se tome consciência de tudo o que as opõe. A memória é a vida, sempre produzida pelos grupos que vivem e sob esse aspecto, está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e freqüentes reutilizações. A história é a reconstrução sempre incompleta e problemática do que não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente eterno; a história uma representação do passado” (p. XIX).⁵ Longe de ser pacífica, a representação do estatuto informativo da memória, por exemplo, vem sendo sistematicamente problematizada nos debates que tomam como cerne a discussão sobre as potencialidades e formas de articulação dos saberes no campo da história e no da sociologia. Também no que diz respeito aos estudos educacionais uma compreensão acurada da problemática da memória deve comparecer nas argumentações tanto para dar conta dos riscos da identificação da memória à história quanto para permitir uma apropriação fértil dos materiais de fontes memorialísticas.

Em M. Halbwachs a dimensão coletiva da memória é o ponto central e ele reconhece suas funções de referência e de coesão social para os grupos, como bem mostra M. Pollak, em “Memória, esquecimento, silêncio”.⁶ A referência a Halbwachs aqui, mesmo sem que se faça a discussão de suas idéias, serve para identificar um dos textos fundadores da produção sobre o tema da memória, em nosso século. Mas, nesse ponto da

⁴ O tema aparece bem sistematizado numa análise bastante rica no texto “História Oral: uma utopia?” de Maria de Lourdes Mônaco Janotti e Z. de Paula Rosa, *Revista Brasileira de História*, ANPUH, São Paulo, Ed. Marco Zero, vol. 13, n° 25-26, set/1992 a ago/1993.

⁵ P. Nora (org.) *Le lieux de mémoire*, Paris, Gallimard, 1984.

Um exame da posição de Pierre Nora em confronto com M. Halbwachs pode ser lido no pequeno texto de M. Mansor D'Alessio, intitulado “Memória: leituras de M. Halbwachs e Pierre Nora, no volume da *Revista Brasileira de História* dedicado ao tema *Memória, História, Historiografia*, já citado, p. 97-103. Um exame acurado e original da questão da memória apareceu sob o título: “Memória e Temporalidade: diálogo entre W. Benjamin e Henri Bergson”, de S. H. Simões Borelli, na Revista *Margem*, em seu primeiro número, cujo tema era *Narradores e Intérpretes* (PUC-SP, Faculdade de Ciências Sociais, n° 1, mar/1992)

⁶ POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos - Memória*, Rio de Janeiro, vol. 2, n° 3, 1989, p. 3-15.

retomada de algumas referências que nos permitem perceber a dimensão das questões envolvidas na atenção ao tema da memória, vale a pena retomar a pergunta posta inicialmente acerca dos sentidos em que se fala de memória nos estudos educacionais, hoje, para articulá-la a uma outra. Interessa-me explicitar, assim, a forma pela qual em meus próprios estudos, o tema tornou-se questão. Assim, penso que três momentos ou produções devem ser ressaltados, bem como algumas análises que foram fundamentais para o reconhecimento dos problemas e para a constituição de uma reflexão como a que se apresenta aqui. Penso que um momento fundamental desse reconhecimento da memória enquanto questão esteve marcado pelo contato com as concepções e as idéias de indivíduos ligados ao movimento de organização dos professores em São Paulo. E nesse sentido, a oportunidade em que entrevistei Antonio D'Ávila, ativo colaborador do CPP (Centro do Professorado Paulista), autor de livros didáticos e proprietário de um bom acervo de informações sobre educadores paulistas, ao fazer a pesquisa que veio a se constituir no texto da tese Educadores à Meia-Luz⁷, no final dos anos 80 foi um momento muito significativo. Ao interessar-me pela produção de uma história da organização da categoria profissional do magistério e pela constituição do campo educacional paulista na Primeira República, busquei simultaneamente dar visibilidade a educadores e a processos cuja atuação, até então, havia permanecido pouco nítida e explicitada na história da educação em São Paulo. Ao indagar ao Sr. Antonio D'Ávila acerca de vários homens que, no período de estudo, haviam atuado nas lutas pela profissão e sobre os quais se dispunham de escassas referências, ele me aconselhou, de modo enfático, e na condição de biógrafo do jornal do Centro do Professorado Paulista, a que me preocupasse com gente que “valia a pena” que “tinha feito muita coisa” e “não só se metido em política”. Enumerou a seguir a lista dos educadores que, no seu entender, mereceriam atenção: todos eles mencionados nos estudos sobre o período. Mais do que simplesmente refletir a preferência pessoal de D'Ávila, a atitude ancorava-se numa forma consagrada de constituir uma memória dos educadores e de instaurar legitimidades no espaço profissional. A maneira de confrontar-se com essa memória é então o que passa a ser questão. As fontes a que se recorreu, na elaboração da tese, bem como a forma de problematizar seu emprego, foi o que permitiu uma percepção mais arguta da extensão das implicações envolvidas pelo tema.

⁷ CATANI, Denice B. Educadores à meia luz - Um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1919) São Paulo, FEUSP, doutorado, 1989, mimeo.

Algumas das fontes aí utilizadas, como os textos memorialísticos de João Lourenço Rodrigues e o de José Feliciano de Oliveira, bem como a Poliantéia Comemorativa do 1º Centenário do Ensino Normal em São Paulo (1846-1946), voltariam a ser objeto de interesse alguns anos mais tarde, quando a compreensão mais demorada de suas especificidades e outras leituras me indicariam a possibilidade de explicitar novos aspectos relativos à história da profissionalização dos professores no Brasil Republicano, buscando compreender o lugar dos escritos memorialísticos na construção da memória social da categoria profissional. As obras dos dois educadores fornecem material sobre a organização do ensino no período, em textos estruturados a partir de recordações pessoais (e de alguns documentos) dos autores - professores que ocuparam postos privilegiados na hierarquia do sistema escolar - e que ao testemunharem sobre a vida na escola, fazem sobressair alguns perfis de educadores e sustentam que sua versão da história do ensino público "repõe a verdade e faz a justiça". A Poliantéia, obra de celebração do campo educacional, outra fonte riquíssima de informações, colabora para a instauração de uma memória harmônica do espaço profissional e como no caso das duas outras obras pretende consagrar modos de interpretação. Esses textos, forjados na perspectiva das idealizações de caráter moral, muitas vezes promovem o apagamento das disputas internas ao campo educacional e contribuem para a elaboração de uma história do trabalho docente que tende a sacralizar a visão harmônica das relações sociais e da atuação de uma categoria que mescla espírito de sacrifício e moralismo na definição de si própria.⁸

Outros elementos que viriam colaborar para a exigência de atenção relativa à memória (ao mesmo tempo: final da década de 80 e 1990) foram sugeridos a partir da leitura do primeiro volume das memórias de Elias Canetti, intitulado A Língua Absolvida. Confrontada com a urgência de compreender a produção de uma obra que exerceu tanta atração sobre mim mesma, quanto se revelou leitura estimulante para discutir com os alunos especificidades dos processos de formação, sistematizei algumas reflexões sobre o livro. Vi-me diante da questão da memória na narrativa e W. Benjamin, lido nesse momento, em seus textos sobre Proust e acerca da "Experiência e pobreza" permitiu constatar que, se de uma parte os textos autobiográficos ao falarem da história de formação e escolarização de seus

⁸ CATANI, D. B. "Memória e Biografia: o poder do relato e o relato do poder na história da educação". GONDRA, José (org.) Pesquisa Histórica: retratos da educação no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ.

RODRIGUES, João Lourenço Um retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino em São Paulo, São Paulo, Instituto Ana Rosa, 1930.

OLIVEIRA, José Feliciano O ensino em São Paulo: algumas reminiscências, São Paulo, Tipografia Siqueira, 1932.

Poliantéia Comemorativa do Primeiro Centenário do Ensino Normal em São Paulo (1846-1946) São Paulo, Gráfica Brésia, 1946.

autores constituíam pontos de partidas fecundos para o conhecimento na área da pedagogia, sugeriam também problemas relativos à própria escrita memorialística. Mais tarde, desenvolvendo estudos e práticas de formação de professores pelo recurso à produção de relatos autobiográficos, progredimos na compreensão de tais aspectos e principalmente no que diz respeito ao lugar do “sujeito na narrativa autobiográfica”.⁹

Alguns estudos sobre memória tiveram um papel nuclear na direção assumida pela reflexão que fizemos. A rara pertinência e argúcia do texto de Hugo Lovisolo¹⁰ opera uma aproximação entre as diversas configurações da memória social e os modos de ação das memórias individuais, para perguntar-se sobre os sentidos da crítica à memorização feita no interior das propostas modernistas. São suas palavras: “...é no campo do pensamento social ou pedagógico sobre a formação dos homens que uma história da memória pareceria ter um lugar fecundo de reflexão e experimentação. E isto particularmente, quando se entende que uma das linhas constitutivas da moderna pedagogia é a da crítica sempre renovada ou reiniciada, à memorização, ao memorismo, às virtudes da boa memória. Critica erudita da memória que se opõe: por um lado à valorização da memória histórica ou coletiva; por outro à valorização popular da memória...” (Lovisolo, 1989, p. 18). Mostra ainda o autor, como para alguns, a memória foi apresentada como obstáculo, pela sua seletividade, pelo trabalho de inculcação e formação de hábitos. Mas, pondera que, noutro lado da questão e unida a este reconhecimento está a idéia de autonomia individual e coletiva resultante da valorização da memória, da própria memória como identidade, como eu, como grupo, nação ou comunidade. O eixo que aproxima as duas hipóteses é a autonomia individual que deve ser o produto da formação. Tal é um dos sentidos com que se fala da memória, hoje nos estudos ou produções educacionais. Trata-se de conceber a autonomia individual e coletiva como profundamente enraizada numa memória enquanto referência e dispositivo de coesão.

A consideração simultânea da análise de Lovisolo aos estudos de Michel Pollak, um dos quais já referido aqui, dá ensejo ao reconhecimento de muitas das implicações do recurso às rememorações, depoimentos e histórias de vida, que se configuram como desdobramentos do recurso e atenção à memória como questão. A atenção para com as formas pelas quais

⁹ Ver, respectivamente, CANETTI, E. *A Língua Absolvida*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. CATANI, D. B. “Pedagogia e Museificação” *Revista USP*, n.º 8, dez-jan-fev, 1990-1991, p. 23-26. BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica - arte e política*, São Paulo: Brasiliense, 1985 vol. I. Encontramos tais aspectos, exemplarmente examinados nos textos que integram a coletânea organizada por Chaudron, M. e Singly, F. de *Identité, lecture, écriture*. Paris, Centre G. Pompidou, 1993.

¹⁰ LOVISOLO, Hugo “A memória e a formação dos homens”. *Estudos Históricos - Memória*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 3, 1989.

se constroem e perpetuam memórias coletivas e “memórias subterrâneas”, que resistem às inflexões da transformação de memórias coletivas em história oficial, é objeto de análise de Pollak. Este, sociólogo de formação, desenvolveu estudos acerca da experiência concentracionária de mulheres, mediante o recurso aos depoimentos e às histórias de vida. Assim, três dos seus textos retomam a problematização da memória e das histórias de vida, como estratégias de investigação. São eles: “Memória, esquecimento e silêncio”, já citado, “Memória e identidade social” (Estudos Históricos, RJ, vol. 5, n° 10, p. 200-215) e “La gestion de l’indicible”, este publicado no volume especial de Actes de la recherche en sciences sociales, intitulado “L’illusion biographique”, datado de 1986, no qual aliás, o próprio Bourdieu inclui seu texto também nomeado por esta última expressão.¹¹

Partindo de Halbwachs, M. Pollak acentuará, diferentemente deste, o caráter conflitual de “memórias em disputa”, mostrando o que ocorre quando memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, usando como exemplo os fenômenos ligados à revisão do período stalinista na União Soviética. Examinando como o silêncio assume significações diversas com relação às lembranças traumatizantes, ele diz: “a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado...” (1989, p. 11) Sua argumentação prossegue para mostrar as funções de referência que a memória coletiva exerce para as memórias individuais. Em suas palavras, “assim como uma ‘memória enquadrada’, uma história de vida colhida por meio da entrevista oral, esse resumo condensado de uma história social individual, é também suscetível de ser apresentada de inúmeras maneiras em função do contexto no qual é relatada. Mas, assim como no caso de uma memória coletiva, essas variações de uma história de vida são limitadas. Tanto no nível individual como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais distintivos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados” (p. 13). Mas será ao tratar do significado que o relato da história de vida tem para o próprio indivíduo que Pollak irá afirmar que as características das histórias de vida sugerem

¹¹ “L’illusion biographique” foi traduzido para o português e integra, sob a forma de apêndice, a coletânea de P. Bourdieu publicada em 1996 (Campinas, Papirus) que se chama Razões Práticas. “A ilusão biográfica” faz uma crítica bastante rigorosa às implicações da noção de “história de vida”.

que elas devam ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade e não apenas como relatos factuais. Diz ainda: “através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”.

Decerto as observações feitas até o momento podem permitir a sugestão de algumas questões que, potencializadas pela consideração dos textos citados, nos levam a articular o tema da memória às produções no domínio da história da educação e da pesquisa acerca da formação docente. No caso específico do percurso que tracei parcialmente aqui, o reconhecimento dos “relatos de formação intelectual” ou das “histórias de vida escolar”, como recurso pedagógico adveio das leituras de textos autobiográficos, que podem representar como no caso de Canetti (A Língua Absolvida) um pretexto para a emergência do desejo de auto-narrar-se. Já se teve oportunidade de mostrar como se desenvolveram os estudos iniciais acerca dessas práticas e como entendemos suas relações com a memória, além das especificidades e dos problemas que caracterizam essas produções.¹² Partilhando das afirmações que sustentam a fecundidade do domínio acerca da própria história e do reconhecimento da riqueza envolvida nos processos memorialísticos que reconstituem trajetórias intelectuais, acredita-se que, para as pessoas que trabalham em situações educacionais, seja vital a reflexão engendradas leituras e pela escrita autobiográfica da natureza aqui aventada. Sem reproduzir aqui as questões que essa modalidade pedagógica sugere, cabe apenas lembrar que esta é uma das significações possíveis para a questão da memória na produção de estudos educacionais. Nesse sentido, tem-se trabalhado a produção de relatos autobiográficos de alunos (futuros professores) e docentes já atuantes, cuja temática central é a “história de formação” ou a memória dos aprendizados, desencadeando a análise e reflexão acerca dos processos formadores e da constituição das diferentes modalidades de relação com a leitura, a escrita, os conhecimentos e o espaço escolar.

Mas, do ponto de vista da própria produção na área de história da educação brasileira, quais as questões que podem decorrer da consideração dessas reflexões acerca da memória? Com o reconhecimento da possibilidade de tornar visíveis os diferentes agentes da educação e da necessidade da inclusão de novos objetos-fontes para os estudos, cabe indagar: como se tem processado a apropriação de diferentes memórias, como por exemplo, a do grupo profissional dos professores, nos vários momentos da história brasileira, pela escrita da história da educação? E

¹² CATANI, D. B.; BUENO, B. O.; SOUSA, C. P. de & SOUZA, M. C. C. C. “História, Memória e Autobiografia na Pesquisa Educacional e na Formação”. In: ____ (org.) Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação, São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

ainda, o que significa ou em quais limites se pode pensar a inclusão das fontes memorialísticas e autobiográficas nessa mesma escrita? Ou ainda: como a consideração das fontes memorialísticas poderia vir a integrar a escrita de uma história das relações com a escola e o conhecimento, do ponto de vista dos sujeitos-alunos? Como se tem ainda processado a explicitação das condições de produção das diferentes memórias dos agentes educacionais? E mesmo: como se poderia falar num certo “domínio do passado”, no campo educacional e no sentido em que o fez Adorno? Penso que tais questões exemplificam um conjunto de alternativas para a reflexão sobre os problemas da memória e expressam, ao mesmo tempo, possibilidades construtivas para a produção dos estudos educacionais que, em grande parte, já vem sendo desenvolvidas.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T. Educação e Emancipação, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- BENJAMIN, W. Obras Escolhidas: Magia e Técnica - arte e política, São Paulo: Brasiliense, 1985, vol. I.
- BORELLI, S. H. Simões “Memória e Temporalidade: diálogo entre W. Benjamin e Henri Bergson”. In: Revista Margem, São Paulo: PUC-SP, Faculdade de Ciências Sociais, n° 1, mar/1992.
- BOURDIEU, P. Razões Práticas. Campinas, Papirus, 1996.
- CANETTI, Elias A Língua Absolvída São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- CATANI, D. B. “Pedagogia e Museificação” Revista USP, n ° 8, dez-jan-fev, 1990-1991, p. 23-26.
- CATANI, Denice B. Educadores à meia luz - Um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1919) São Paulo, FEUSP, doutorado, 1989, mimeo.
- CATANI, D. B.; BUENO, B. O.; SOUSA, C. P. de & SOUZA, M. C. C. C. (org.) Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação, São Paulo: Escrituras Editora, 1997.
- CATANI, D. B. ; BUENO, B. A. O.; SOUZA, C. P.; SOUSA, M. C. C. C. "Docência, Memória e Gênero: Estudos Alternativos sobre a Formação de Professores". In: Psicologia USP, São Paulo, vol. 4, n. 1/2, 1993, p. 299-318.

- CATANI, D.B.; BUENO, B. A. O.; SOUZA, C.P. & SOUSA, M.C.C.C. "Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras". Revista Brasileira de Educação, nº 1, 1996.
- CATANI, D.B.; BUENO, B. A. O.; SOUSA, C.P. & SOUZA, M.C.C.C. "História, Memória e Autobiografia na Pesquisa Educacional e na Formação". In: ____ Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997, p. 13-49.
- CATANI, D.B.; BUENO, B. A. O.; SOUSA, C.P. & SOUZA, M.C.C.C. (org.) Atas do 1º Seminário Docência, Memória e Gênero. São Paulo: FEUSP, Editora Plêiade, 1997.
- CHAUDRON, M. e Singly, F. de Identité, lecture, écriture, Paris, Centre G. Pompidou, 1993.
- D'ALESSIO, M. Mansor "Memória: leituras de M. Halbwachs e Pierre Nora". Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH, Ed. Marco Zero, vol. 13, nº 25-26, set/1992 a ago/1993, p. 97-103.
- GONDRA, José (org.) Pesquisa Histórica: retratos da educação no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco & ROSA, Z. de Paula "História Oral: uma utopia?". In: Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH, Ed. Marco Zero, vol. 13, nº 25-26, set/1992 a ago/1993.
- LOVISOLO, Hugo "A memória e a formação dos homens". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.
- NORA, Pierre Le lieux de mémoire, Paris, Gallimard, 1984.
- OLIVEIRA, José Feliciano O ensino em São Paulo: algumas reminiscências, São Paulo, Tipografia Siqueira, 1932
- Polianteia Comemorativa do Primeiro Centenário do Ensino Normal em São Paulo (1846-1946) São Paulo, Gráfica Brésica, 1946.
- POLLAK, M. "Memória e identidade social". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, p. 200-215.
- POLLAK, M. "Memória, esquecimento, silêncio". Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.
- POLLAK, M. "La gestion de l'indicible". Actes de la recherche en sciences sociales, ("L'illusion biographique"), 1986.
- RODRIGUES, João Lourenço Um retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino em São Paulo, São Paulo, Instituto Ana Rosa, 1930.